



# VII Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar V Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar IV Feira de Empreendedorismo da UNIFIMES

2023

08 A 10 DE MAIO

A Pesquisa e o Desenvolvimento Regional Aliados ao Empreendedorismo



## LOBOTOMIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA TÉCNICA AO LONGO DA HISTÓRIA

Nathalia Garcia Ferreira <sup>1</sup>

Ana Luiza Fleury Calaça<sup>2</sup>

Ariane de Oliveira Villar<sup>3</sup>

Laura Santana Rangel dos Santos<sup>4</sup>

Criada em 1935, a lobotomia é uma técnica operatória que visava modificar psicopatologias por meio do desligamento das fibras do eixo que conectavam o lobo pré-frontal ao tálamo, uma vez que acreditava-se que o tálamo era responsável pela hiperexcitação das células do lobo pré-frontal, sendo este o que levava aos distúrbios psicológicos. No Brasil a técnica chegou em 1936, e se popularizou como tratamento as psicopatologias. Posteriormente, em 1956 a técnica foi abandonada devido ao seus resultados controversos. Desse modo, o objetivo desse trabalho é compreender o surgimento da lobotomia bem como seus impasses técnicos e éticos. Para tal, foi realizada revisão bibliográfica sistematizada a partir de artigos publicados no Google Acadêmico, Pubmed e Scielo nos anos de 2003 a 2023 com os seguintes descritores: “Lobotomia”, “História da lobotomia”, “Ética médica” e “Leucotomia”, tendo como critérios de inclusão: artigos em português, inglês e espanhol, gratuitos e não duplicados, sendo utilizado cinco trabalhos para a construção deste trabalho. Na primeira metade do século XX, surgiram duas escolas médicas que visavam compreender melhor as psicopatologias: a psicológica e a biológica, ou organicista. O maior defensor da escola organicista era Emil Kraepelin, psiquiatra alemão, que defendia que as desordens psiquiátricas estavam relacionadas a alterações anatomopatológicas. Seguindo essa linha de raciocínio, Antônio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, neurologista português, criou a primeira técnica de lobotomia que era chamada de leucotomia. Posteriormente os neurologistas americanos Walter Freeman e James Winston Watts inseriram algumas modificações na técnica cirúrgica, que passou a ser popularmente conhecida como lobotomia. Os defensores

<sup>1</sup> Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Minas, Campus Trindade. Email: [Nathalia.ferreira@academico.unifimes.edu.br](mailto:Nathalia.ferreira@academico.unifimes.edu.br)

<sup>2</sup> Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Minas, Campus Trindade.

<sup>3</sup> Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Minas, Campus Trindade.

<sup>4</sup> Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Minas, Campus Trindade.



# VII Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar V Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar IV Feira de Empreendedorismo da UNIFIMES

2023

08 A 10 DE MAIO

*A Pesquisa e o Desenvolvimento Regional Aliados ao Empreendedorismo*



do organicismo acreditavam, de modo geral, que acometimentos ao lobo frontal desencadeavam psicopatologias que poderiam ser revertidas com a cirurgia em questão. O experimento dos neurologista Fulton e Jacobsen com uma chimpanzé lobotomizada, que antes era agressiva e posteriormente a técnica se tornou dócil, reforçou essas teorias e fez com que a lobotomia se perpetuasse pelo mundo. A técnica consistia em fazer dois orifícios no crânio e inserir um instrumento afiado no tecido cerebral. Esse instrumento seria então movido para frente e para trás, em movimento de “serrar”, com finalidade de seccionar as conexões entre os lobos frontais e o resto do cérebro. No entanto, a técnica apresentava efeitos controversos uma vez que existia a possibilidade de danos irreparáveis ao cérebro dos operados, hemorragias intracranianas, inflamação nas meninges, sequelas permanentes como hemiplegia e paraplegia. Além disso, diversos procedimentos não resultavam em nenhuma alteração do quadro comportamental do paciente e, por vezes, provocavam embotamento afetivo. Ademais, a técnica não era respaldada por comprovação científica, consistindo portando em um experimento cujos danos eram infinitamente superiores aos benefícios. Por fim, fica evidente que, apesar da importância que a lobotomia representou nos avanços acerca da compreensão do funcionamento cerebral, não era uma técnica ética, segura e eficaz para o tratamento das psicopatologias. Atualmente, a lobotomia não é proibida no Brasil, no entanto, seu uso é raro uma vez que as evidências sobre seu êxito são escassas e que esbarra em critérios éticos que não podem ser transpostos. Portanto, a indicação da psicocirurgia na atualidade só é realizada mediante a falha da terapêutica convencional e análise criteriosa de benefício e de malefício.

**Palavras-chave:** Lobotomia. Leucotomia. Psicocirurgia. Psicopatologia. Ética.